A IMAGEM FANTÁSTICA DA ÁFRICA?

Edivânia Maria Barros Lima*

Resumo: *Nos meses de abril e maio de abril de 2005, o Fantástico, programa veiculado pela Rede Globo de Televisão, apresentou uma série de reportagens denominada Nigéria, Terra Mãe da África. Este texto, produzido como trabalho final na disciplina Pluralidade Cultural e Educação do Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, tece algumas considerações sobre os discursos produzidos/utilizados naquelas reportagens, tentando observar se os mesmos apresentaram-se enquanto ideológicos a partir da percepção do lugar de fala dos emissores destes discursos e levando em consideração o conteúdo dos referentes produzidos.*

Palavras-chave: Continente africano; Discurso; Sistema televisivo.

Nos meses de abril e maio de 2005, o *Fantástico*, programa veiculado pela Rede Globo de Televisão nas noites dominicais, apresentou uma série de reportagens que discorriam sobre o continente africano, mais especificamente sobre costumes e tradições vivenciados na Nigéria. Percebi que as reportagens, de modo geral, mediatizaram um tipo de descrição unívoca e imaginária do continente africano, o que me inquietou, levando-me a refletir sobre possíveis conteúdos ideológicos nelas presentes.

***A Imagem Fantástica da África*?**, trata-se de um trabalho que nasce a partir de inquietações pessoais, sendo aprofundado na disciplina Pluralidade Cultural e Educação – ministrada pela Professora Narcimária Correia do Patrocínio Luz -, e tem por objetivo tecer algumas considerações sobre os discursos produzidos/utilizados naquelas reportagens, tentando observar se os mesmos apresentaram-se enquanto ideológicos a partir da percepção do lugar de fala dos emissores destes discursos e levando em consideração o conteúdo dos referentes produzidos. Creio que algumas perguntas sejam pertinentes a fim de nortearem o início das discussões que aqui serão tratadas*:*

Que imaginário se tem acerca do continente africano? Quais imagens da África projetam as civilizações ditas superiores? De que modo a África foi e, ainda hoje, é descrita pelas sociedades hegemônicas e pelos seus veículos de comunicação de massa? Como essas representações têm rebatimento em nosso cotidiano, contribuindo para acentuação de estigmas, preconceitos, ou para a ratificação de imagens negativas daquele continente?

Cada uma destas indagações remete-me ao meu período escolar em cujas aulas de História e de Geografia, mais especificamente, eu não tivera a oportunidade de conhecer o continente africano em sua riqueza e amplitude. A recordação que me resta é a de que meus livros didáticos sempre narraram e destacaram, massivamente, a história das civilizações européias: o estudo de seus países, de seus povos, de suas conquistas, de suas culturas — sempre vistas enquanto modelos a serem admirados e imitados, vez que eram consideradas superiores e evoluídas — enfim, de sua hegemonia sempre latente. Ao espaço reservado ao continente africano nestes livros, restava, principalmente, a enfatização de uma narração de escravização e de dominação. A mim, estudante ainda em formação, qualquer história ou vestígio anterior ao processo de colonização da África me fora minimizado e, por que não dizer, muitas vezes ocultado. Eu ainda não tinha o entendimento de que a História é seletiva e excludente e que é,

* Especialista em Ensino de Literatura Brasileira, professora vinculada à Secretaria de Educação da Prefeitura de Camaçari e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade/UNEB. Rua dos Bandeirantes, 841, Apto. 705 Matatu. Salvador-BA. 40.260.001. 71- 3382 5140 / 71- 88335002. vânia_pecuneb@yahoo.com.br

quase sempre, produzida/reproduzida/construída a partir de um determinado ponto de vista que se queira apresentar/projetar/ocultar.

A existência e a sobreposição de uma determinada História pode implicar na minimização ou na representação da inexistência de uma outra. Em **O Fim das Descobertas Imperiais**, Santos (2002, p.20) considera que o tempo pretérito *fala de muitas línguas*, entretanto, alerta para o fato de que nem todas essas línguas se tornaram conhecidas ou tiveram visibilidade . Seguindo essa linha de pensamento, pode-se supor que para que determinadas civilizações fossem reconhecidas, outras precisaram ser minimizadas. Quando se fala sobre o continente africano, por exemplo, automaticamente faz-se a associação deste aos seus processos coloniais e longos períodos de dominação, os quais remetem a uma profunda inferiorização — nos mais diversos aspectos, sejam eles econômicos, sociais ou culturais — deste lugar que parece continuar imaginário para as sociedades que se julgam mais evoluídas e que continuam se utilizando de estratégias de dominação para perpetuarem o seu poder.

É interessante perceber que essas estratégias de dominação são mutáveis no tempo e no espaço. Se as formas mais arcaicas de exploração das populações negras, por exemplo, parecem se tornar "politicamente incorretas" — à medida que se baixam palavras de ordem contra a exclusão e discriminação racial — outras novas, porém, mais sofisticadas até, vão surgindo e se impondo efetivamente em nosso cotidiano. E estas novas formas nem sempre são perceptíveis e materializadas, pois precisam mesmo agir sob o simulacro, silenciosa e sorrateiramente a fim de que não haja uma percepção por parte de quem é seduzido, ou melhor, por parte de quem é absorvido no jogo de poder.

Considero como uma dessas estratégias modernas de dominação o sistema televisivo. Muitas produções acadêmico-científicas têm destacado o poder exercido pela televisão na sociedade atual. Em **O Monopólio da Fala,** que explora o debate acerca da função e da linguagem da televisão no Brasil, Muniz Sodré aponta para a necessidade de se refletir sobre as implicações político-ideológicas suscitadas quando é esta a temática abordada. Segundo o autor, este sistema informativo:

> [...] se articula ideologicamente com a classe que controla o Estado e se investe de sua estrutura, isto é, assume forma geral de poder do Estado. A ideologia, como a televisão, é também essencialmente forma de um poder. (1984, p. 10)

Logo, qualquer conceituação de televisão limitada às suas especificidades tecnológicas e estéticas pode ser considerada ultrapassada. Creio ser mais pertinente um tipo de definição que se aproxime da idéia de que este sistema informativo está imbricado nos códigos da economia e do mercado, simulados pelo *Panoptismo*[1] — uma outra forma de nomeação para a ideologia dominante.

A ideologia, enquanto categoria mais genérica, perpassa as práticas sociais. Constitui-se a partir de um sistema de valores moldados no plano das imagens, das representações. Ela é sempre uma tentativa de falseamento ou de simulacro, tendo o poder do condicionamento das ações humanas, ações que são sempre consideradas mais ou menos adequadas a depender de quem esteja por trás daquelas imagens ou representações. Marilena Chauí considera que:

> [...] a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que "ensinam" a conhecer e a agir. A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o fazer e o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica de identificação que unifique

[1] Utilizo a expressão a partir dos estudos de Muniz Sodré. O *Panoptismo* é definido enquanto forma moderna de poder, uma forma que não se apresenta de maneira visível, todavia é a invisibilidade a sua especificidade marcante. (Ver **O Monopólio da Fala**,1984, p. 21)

> pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. (1982, p.3)

Considerando o sistema televisivo essencialmente ideológico, teçamos, a partir de então, a análise de duas reportagens da série *Nigéria, Terra Mãe da África,* apresentadas no programa jornalístico Fantástico, veiculado pela Rede Globo de Televisão, tentando perceber se houve um certo falseamento ou um certo simulacro emitidos nos discursos produzidos. Antes, porém, de iniciarmos nossa tecelagem, convido o leitor a refletir sobre o poder existente na linguagem humana: a palavra, enquanto discurso — destituída de suas especificidades fônicas e materiais, ou seja, de seu significante — perpassa e permeia as relações sociais, estando sempre, como concebeu Bakhtin (1988, p.34), inserida nos campos de batalhas de onde emerge o poder. É o discurso, portanto, que dá sentido às relações ideológicas.

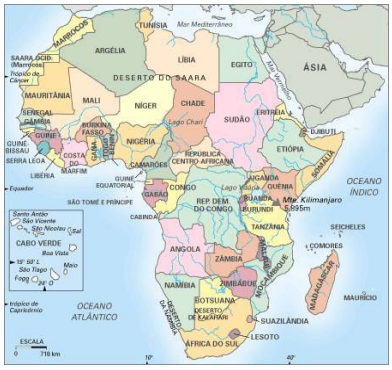
A fim de proceder com a análise discursiva das reportagens, foi necessário coletar junto ao banco de dados do site do Fantástico, na Internet, os textos escritos das produções verbalizadas pela jornalista apresentadora na série. Dentre as matérias, duas foram por mim selecionadas para a verificação de seus discursos: "Festival tradicional na Nigéria" e "Tradições Milenares e Rituais Misteriosos", que foram ao ar nos dias 10 e 17 de abril, respectivamente.

Em minhas primeiras leituras a estes materiais textuais identifiquei, além de um forte conteúdo ideológico, uma certa hiperbolização e metonimização na forma como fora apresentado/descrito o "continente" africano e algumas de suas tradições e manifestações culturais. Também pude perceber um tipo de descrição que suscitaria a representação de um território alegórico, exótico, misterioso e totalmente destituído — um tipo de imaginário latente e repetitivo quando se aborda o continente africano nos meios de comunicação.

Ao iniciar a narração sobre um tradicional festival que ocorre anualmente na Nigéria, o Argungu, a repórter assim procede em sua fala:

> Nigéria: são 130 milhões de pessoas. O país mais populoso da África. Duzentos e cinqüenta dialetos, três religiões, um povo colorido, pobre e sofrido [...] A Nigéria que resume a civilização e a cultura do negro na Terra sonhou transformar o continente africano em uma única nação [...] Nossa viagem começa pelo estado de Sokoto, noroeste do país. Aqui durante quatro dias os nigerianos se reúnem para celebrar suas tradições no maior festival do país, o Festival Argungu. A gente reencontra uma África que parece um país saído da imaginação. A sensação que a gente tem é que todo o continente africano está aqui.[2]

Se observarmos o mapa do continente africano — com o seu número de países, área e população[3] — e se, por outro lado, pensarmos sobre o discurso de que todo ele "parece estar ali", apenas na Nigéria, perceberemos que houve uma certa metonimização na forma como foi apresentado o continente. Creio que a lógica da parte pelo todo não se justifica, é paradoxal.



Fonte:http://www.agbcuritiba.hpg.ig.com.br/mapas/mapas-indice.htm

[2] http://jornalismo.globo.com/Portal/jornalismo/fantastico/cda/artigo/glb_fantastico (acessado em 26/04/2005).

[3]. A África é composta por 53 países. Sua área é de 30.230.000km² e sua população, no ano de 2002, era estimada em 830,9 milhões de habitantes.
(Dados: http://www.sergiosakall.com.br/africano/entrada.africana.html).

Não há como se conceber essa particularização com fins a uma totalização. O Continente africano não se resume a uma parte nele existente, a uma cultura unívoca. Ao contrário, há neste continente uma infinidade de culturas, — a própria observação de ali existirem duzentos e cinqüenta dialetos, deveria aflorar o entendimento de sua diversidade cultural. Do mesmo modo, o fato de ser a Nigéria o país mais populoso da África não quer dizer que seja considerado como um *locus* que resume "a civilização e a cultura de todos os negros da Terra".

Além desta abordagem metonímica, a constante adjetivação utilizada na reportagem, a qual descreve acentuadamente o povo nigeriano como "pobre" e "sofrido", me parece uma estratégia do discurso colonial ainda presente nas ditas sociedades "pós-coloniais", que é o uso constante de uma repetibilidade semântica com fins a uma assimilação fiel daquilo que se repete. A repetição é justamente a observação, a constatação e a reafirmação do mesmo, da impossível mudança, a qual só pode conduzir à conformidade.

É claro que não é nosso objetivo negar a explícita condição de pobreza de grande parte dos países africanos, como é o caso da Nigéria, descrita na reportagem em análise. Todavia, a utilização de um discurso questionador sobre o porquê daquela condição — como, por exemplo, a tentativa de se promover uma discussão acerca da apropriação das riquezas nigerianas geradas pelo petróleo, cuja economia é explorada por empresas multinacionais —, talvez fosse mais produtivo para a diminuição de suas problemáticas.

À medida que a reportagem sobre o Festival vai progredindo mediante narrativas e apresentações/explorações de imagens, podem ser percebidas outras palavras ou expressões que soam, muitas vezes, como estratégicas para se continuar apresentando um continente e um povo alegórico, às vezes primitivo e, em determinados momentos, misterioso:

> [...] Um grupo da cidade de Kanoa mostra uma dança típica acrobática... Os cortes nos rostos de alguns homens são símbolos de sua origem tribal. Marcas que impressionam. O público, as roupas coloridas, tudo é um espetáculo... Algumas competições são curiosas.[4]

A repetibilidade permanece presente em muitas passagens do texto. E nessas repetições as palavras mais comuns estão geralmente associadas ou a condições de extrema subalternidade do povo africano ou a sua imagem representada de forma extravagante, exótica e misteriosa.

Talvez a tarefa mais difícil aos produtores da matéria fosse conviver, ou ao menos observar/aceitar/respeitar àquelas simbologias que caracterizam o modo de expressão particular das comunidades em visibilidade. Não obstante, o "público", com suas roupas "coloridas", os participantes com suas danças "acrobáticas" e o festival, como um todo, com suas competições "curiosas", expondo homens com rostos marcados — marcas que certamente possuem um importante significado para aquela comunidade — tudo, enfim, não foi susceptível à convivência, à aceitação do outro, mas à hiperbolização de sua cultura e a um "impressionar-se" sobre o outro, visto como diferente/exótico ante ao "espetáculo" que pareceu muito mais montado pelos efeitos televisivos que pelo seu sentido nato.

Ora, o que é interpretado como "curioso" e "impressionante" para os que assistem ao "espetáculo", pode significar para os agentes tão somente uma forma de cultura. Não uma forma pré-concebida, patrimonialista e monopolizada pelas elites socioeconômicas, mas uma outra compreendida enquanto *modo de relacionamento do ser humano com o seu real, com a possibilidade de abolir a universalização das verdades.* (SODRÉ, 1998, p.10).

Essa sensação de estranhamento a algumas manifestações culturais africanas é visível, principalmente, na segunda reportagem da série: "Tradições milenares e rituais misteriosos". O próprio termo "misteriosos", expresso no título, qualificando o substantivo rituais, poderia remeter a uma idéia sombria, não muito clara ou explícita daqueles rituais. Ao narrar o que

[4] http://jornalismo.globo.com/Portal/jornalismo/fantastico/cda/artigo/glb_fantastico (aceso em 26/04/2005).

ocorrera em uma festa na comunidade Koma, situada em Adamauá, um estado da Nigéria, a jornalista assim o faz:

> [...] Depois de horas de caminhada a gente chega na tribo numa noite de festa. O ritual é para a rainha do povo Koma. Ela plantou, conseguiu uma boa colheita e trocou por uma vaca que foi oferecida à tribo. Para nós tudo é muito estranho. Enquanto a mulher dança, os outros jogam óleo no corpo dela. O símbolo de poder entre as mulheres é uma pequena enxada no ombro.[5]

Apesar de este fragmento nos fornecer uma importante pista para o entendimento do significado da celebração descrita — o agradecimento de alguém por ter conseguido uma boa colheita, daí o oferecimento do animal à comunidade —, não foi esta passagem explorada ou destacada, passando despercebida, vez que a marca discursiva que mais chama atenção é justamente a expressão subseqüente à pista: "para nós tudo é muito estranho".

Pude observar, ainda, que no discurso produzido nesta segunda reportagem ocorreu uma certa banalização a um importante ritual celebrado pelos nigerianos, que é o *axexé*. A repórter, ao apresentar uma homenagem a uma senhora que havia morrido há algumas semanas, não compreendeu ou não conseguiu assimilar que naquela ação, a qual foi descrita somente no terreno da alegoria e da festividade, existia, certamente, um repertório de significados intrínsecos às formas de vivência daquela comunidade.

> É com festa que os nigerianos celebram seus mortos. Mais ou menos um mês depois que a pessoa morre, a família se reúne para a grande despedida [...] Choro, tristeza, lamentações, nem pensar! É festa mesmo. É tanta alegria que os dançarinos mais animados recebem dinheiro como prêmio. E o dinheiro tem que ser colocado na testa. É tradição.[6]

Apesar da expressão conclusiva "É tradição", nota-se que o ponto de ancoragem do discurso não aponta para o real entendimento dessa tradição. Aliás essa questão é a menos explorada e talvez a mais minimizada na reportagem, pois as verbalizações e projeções das imagens produzidas na matéria voltam-se, mais especificamente, para a materialização do *axexé*, desprezando a exploração do seu verdadeiro significado. Sugiro, então, um tipo de interpretação que vá de encontro à forma reduzida como foi apresentada aquela celebração. Uma interpretação que ultrapasse a exploração de seu significante e que chegue ao centro de seu significado.

O artigo *Arkhé e Axexé: linguagem e identidade,* trata-se de um trabalho que aprofunda o entendimento do rito que caracteriza a passagem da vida para a morte de muitas comunidades africanas, o *axexé*. Ao discutir sobre os modos de coexistência presentes em comunidades-terreiro, *egbe*, no Brasil — as quais, apesar de terem adquirido seus repertórios próprios de vivência, são caracterizadas, essencialmente, pelo *continuum* africano —, Luz (2002) discorre sobre a importância do ser que morre para a cultura africana e para os que a herdaram:

> [...] Todo integrante do egbe quando morto deverá ter seu rito mortuário, o axexé, e se converte num Axexé, uma referência da continuidade ininterrupta da tradição... O morto convertido em ancestre, em Axexé, possui lugar destacado na liturgia. São eles que, constituindo em referência aos princípios inaugurais dos valores da linguagem do egbe presentificam num aqui e agora a expansão e a continuidade da comunidade. (2002, p.68)

A celebração, portanto, não existe apenas, como fora apresentada em seu sentido alegórico, mas principalmente em um outro, comunal e existencial, já que simboliza a expressão

[5]http://jornalismo.globo.com/Portal/jornalismo/fantastico/cda/artigo/glb_fantastico(aceso em 26/04/2005).
[6] http://jornalismo.globo.com/Portal/jornalismo/fantastico/cda/artigo/glb_fantastico (aceso em 26/04/2005).

de princípios inaugurais essenciais daquelas comunidades a fim de que se perpetue a continuidade de suas tradições.

Se algumas sociedades estão presas aos seus sistemas de signos, outras coexistem muito mais por seus sistemas de símbolos. O *símbolo* representa a não explicação ou conceituação imediata do real, a ausência da metafísica, pois vai justamente de encontro ao que é pré-estabelecido, visível. A categoria signo, por sua vez, é compreendida como a necessidade de conceituação, a uma vontade de verdade e de poder.

É a partir desse paradoxo signo/símbolo — guiada por um dos trabalhos de Muniz Sodré — que convido o leitor para uma possível conclusão da tecelagem proposta no início deste trabalho, a fim de percebermos até que ponto houve, ou não, simulacros ou falseamentos produzidos a partir das matérias produzidas pelo programa jornalístico já citado.

Uma característica das sociedades ocidentais é a necessidade de fazer que os fatos sejam significados, interpretados. E interpretar é:

> [...] a operação básica da leitura do real, de atribui-lhe nomes e significações a partir de grades ou modelos de entendimento que se interpõem entre o intérprete-observador e o real. Lê-se, interpreta-se, a partir de uma modelização representativa, isto é, por uma duplicação imaginária do real. Ou seja, interpreta-se sempre uma interpretação já dada. (SODRÉ, 1998, p.9)

O continente africano, então, foi descrito na reportagem a partir do que já fora há muito estabelecido. Foi modalizado e enquadrado em um tipo de representação projetada não pelo que é, mas sobre o que pode representar. Apesar de não trazer as reais significações das descrições, tanto na primeira como na segunda matéria, é latente a necessidade que a jornalista tem de conceituar àquelas formas existenciais de algumas comunidades nigerianas: e essas formas são, segundo sua interpretação, "curiosas", "misteriosas", "impressionantes" "estranhas", enfim, diferentes.

Diante dessas questões cabe questionar: estas formas simbólicas descritas são estranhas, simplesmente, ou são estranhas ao modelo sígnico imposto pelas sociedades dominantes?

Como o que se fez aqui foi muito mais levantar questionamentos e indagações sobre discurso que o sistema televisivo — especificamente aqueles produzido pelo Programa Fantástico, na série *Nigéria, Terra Mãe da África* — produz sobre o continente africano, sugiro que o leitor reflita sobre o lugar de fala da emissora que viabilizou a reportagem e que ele próprio responda a pergunta, a fim de também concluir comigo esta tecelagem, que poderia, até mesmo, não findar aqui, uma vez que fica aberta ao aprofundamento a partir de outros olhares e outras análises.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Moderna, 1982.

BAKHTIN.M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trd. De Michel Lahud et alii. São Paulo: Hucitec, 1988.

LUZ, M. A. Arkhé e Axexé: linguagem e identidade**.** In. LUZ, M. A. **Cultura Negra em Tempos Pós-Modernos**. Salvador: EDUFBA, 2000.

LUZ, M. A **AGADÁ**. Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira. Salvador: EDUFBA, 2002.

SANTOS, B.S, de. O fim das descobertas imperiais. In: OLIVEIRA, I.B, de; SGARB, P. **Redes Culturais. Diversidade e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SODRÉ. M. **O Monopólio da Fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade**. A forma social do negro-brasileira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

http://jornalismo.globo.com/Portal/jornalismo/fantastico/cda/artigo/glb_fantastico.

http://www.sergiosakall.com.br/africano/entrada.africana.html.

http://www.agbcuritiba.hpg.ig.com.br/mapas/mapas-indice.htm.